

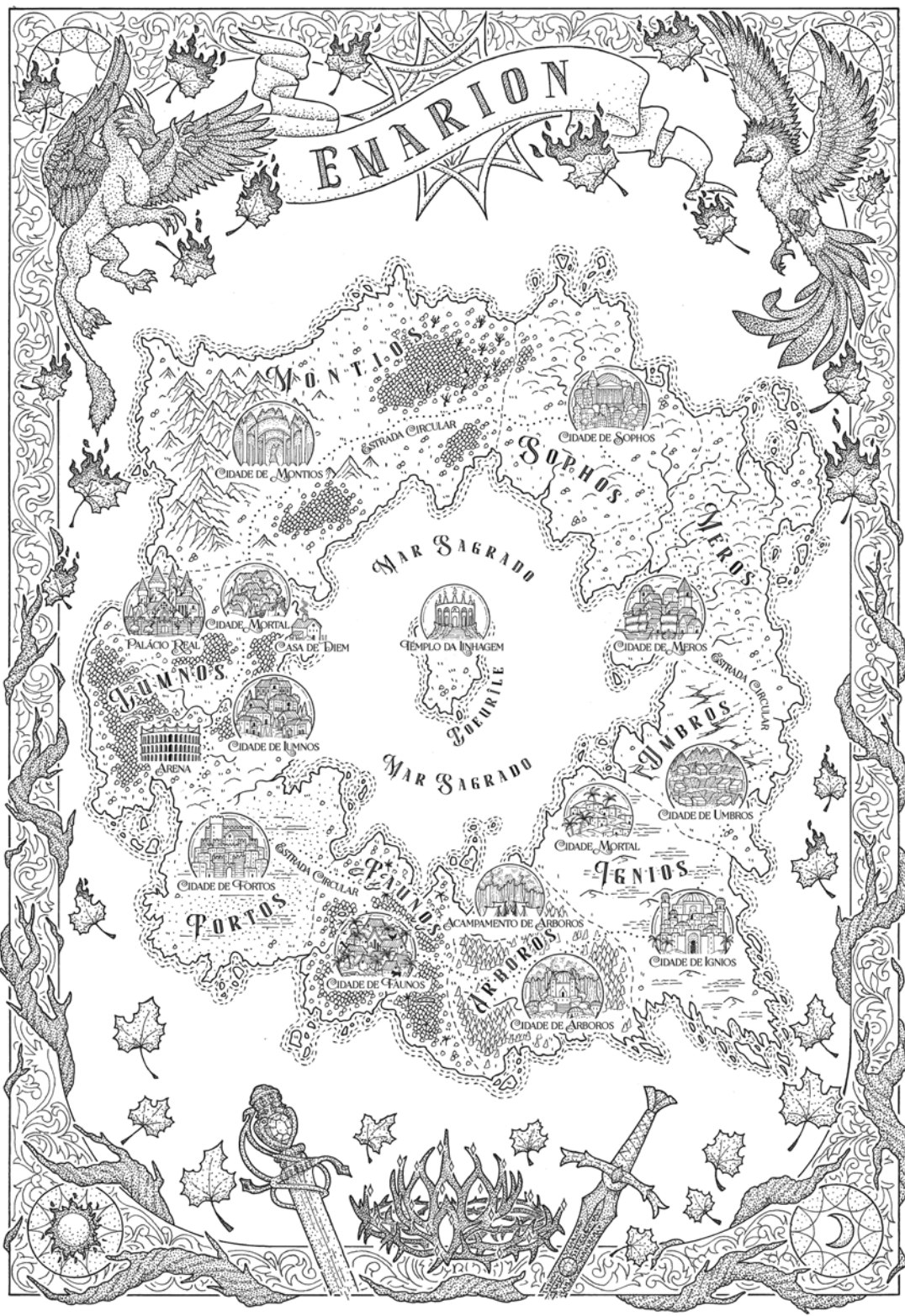
PENN COLE



DESPERTAR

DA

CHAMA ETERNA



OS REINOS DE EMARION

LUMNOS, REINO DE LUZ E SOMBRA

*Enquanto o breu abocanha, uma luz irradia
Seus olhos azuis assombram noite e dia*

FORTOS, REINO DE FORÇA E VALOR

*Com olhos e espadas sempre vermelhos
Vão pôr você no prumo ou colocar de joelhos*

FAUNOS, REINO DE FERA E BESTA

*Penas e pelagens, as feras que crescem
Aos olhos amarelos todas elas obedecem*

ARBOROS, REINO DE RAIZ E ESPINHO

*Olhos de musgo são o desdém da natureza
Também tem espinhos a flor de maior beleza*

IGNIOS, REINO DE AREIA E CHAMA

*Chamas no espírito, chamas na visão
O deserto é o rei da poderosa vastidão*

ÚMBROS, REINO DE MENTE E SEGREDO

*Íris pretas, corações da mesma cor
Basta um beijo, e a mente tem novo senhor*

MEROS, REINO DE MAR E CÉU

*Um olhar que combina com as marés vingativas
Águas profundas para afogar suas rogativas*

SOPHOS, REINO DE PENSAMENTO E CENTELHA

*A centelha astuta da sabedoria verdadeira
Olhos rosados são como a morte derradeira*

MONTIOS, REINO DE PEDRA E GELO

*Igual a seus olhos é a pedra arroxeadada
Cuidado, no fim, com um humor de geada*



*Para todos que já ouviram que sua centelha
não deveria arder tão forte.*

E para quem os amou exatamente por isso.



PRÓLOGO

Se foi uma bênção ou uma maldição, isso ainda é motivo de debate. Se eu tivesse sido corajosa e dado um passo à frente no beco escuro naquele dia, para ouvir as palavras que o belo desconhecido cheio de cicatrizes sussurrou no ouvido de minha mãe, provavelmente um de nós teria morrido muito antes – ou todos nós.

Ou, se eu tivesse chegado com apenas alguns minutos de antecedência, segurando a mão de minha mãe e a convencido a sair da cidade comigo pela trilha da floresta até nossa casinha no pântano, quem sabe os segredos dela – e os segredos que guardou em meu nome – teriam ficado enterrados para sempre sob o solo de Emarion, e muitas vidas nunca tivessem sido ceifadas.

Apenas uma coisa é certa: o desaparecimento de minha mãe naquela tarde quente e amaldiçoada desencadeou uma série de reações tão inesperadas, tão abrangentes, que nem mesmo os deuses foram capazes de prever as consequências.

E é bem nesse ponto que minha história começa.

UM

Entre um paciente morto, homens bêbados e o sol sangrento, meu dia não estava tendo um início muito promissor.

Uma torrente de foliões embriagados veio tropeçando pelos becos empoeirados da Cidade Mortal, seus assovios atrevidos e palavras arrastadas criando um refrão indesejado durante minha caminhada para casa. Embora eu tivesse afastado as mãos enxeridas, não consegui evitar os olhos avermelhados encobertos por capuzes que me seguiam com interesse.

O sol sangrento não ajudava. Ao amanhecer, uma névoa densa se instalara no céu, banhando a cidade com um brilho escarlate assustador. À medida que o meio-dia se aproximava, a quentura do início do verão ficava mais intensa, mais espessa, mais *raivosa*.

– Detesto dias assim – sussurrou Maura.

Olhei para a mulher idosa, baixinha e de rosto corado ao meu lado. Ela fez uma pausa e se apoiou na bengala enquanto os olhos cor de mel se voltavam para o firmamento, os cantos dos lábios se curvando em uma carranca.

– O Dia da Forja já é ruim o bastante sem esse calor infernal – comentou ela.

Murmurei em concordância. O aumento da temperatura exaltava os ânimos, o que significava mais brigas, mais machucados e mais pacientes.

– O centro de curandeiros vai ficar uma loucura esta noite – falei. – Posso voltar com você se quiser. Tenho certeza de que os aprendizes vão apreciar a ajuda extra.

– Sua mãe e eu daremos conta. Vá para casa e descanse. Você teve um turno difícil pela manhã.

Estremeci diante da lembrança e Maura apertou meu braço.

– Não foi culpa sua, Diem.

– Eu sei – menti.

Um paciente tinha morrido durante o meu turno.

Era jovem, muito mais do que as feições cansadas sugeriam, um órfão engolido pelos cortiços da Cidade Mortal. À beira da inanição, tentara roubar um pato assado da carroça de um vendedor e recebera em troca uma facada entre as costelas. Quando cheguei, já havia perdido muito sangue e tinha a respiração rouca e úmida devido ao pulmão em colapso.

Não pude fazer nada além de segurar a mão dele e murmurar o sagrado Rito dos Encerramentos. A vida foi se esvaindo de seus olhos de alfarroba enquanto a alegria seguia ao nosso redor, ininterrupta. Ninguém parou para prestar homenagens, nem mesmo enquanto eu me esforçava para arrastar o corpo até a floresta no entorno da aldeia, de modo que ele pudesse se decompor em paz, dormindo eternamente sob um cobertor de quaisquer folhas caídas que eu pudesse coletar.

Aquela crueldade desnecessária havia piorado muito meu mau humor. A morte de cada paciente pesava em minha alma, mas aquele garoto era tão jovem, com uma morte tão evitável, que não consegui tirar o peso dos ombros. Aquilo acendeu uma centelha em meu âmago, uma sede por justiça que eu vinha lutando para ignorar.

– É estranho ter um sol sangrento no Dia da Forja – comentei, ansiosa por mudar de assunto.

Ajeitei uma mecha de cabelo branco atrás da orelha, a cor pouco natural se destacando ainda mais contra a tonalidade escura da minha pele à luz do sol. Ergui a vista para o orbe carmesim que brilhava acima de nós.

– Parece um mau presságio – acrescentei.

Nas antigas religiões dos mortais, dizia-se que o sol sangrento era um aviso dos deuses, o prenúncio de uma grande revolta. Uma aparição gerações atrás, na véspera da guerra civil – no conflito que hoje chamamos de Guerra Sangrenta, em sua homenagem –, consolidou a reputação sombria desse astro. O fato de ele ter reaparecido no Dia da Forja certamente despertaria especulações.

– Bobagem – disse Maura, abanando a mão em um gesto de desdém. – É uma superstição besta, só isso. Tivemos um desses há duas décadas, e nada de ruim aconteceu.

– Meu querido irmãozinho discordaria de você. Eu nasci no dia daquele sol sangrento.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– É mesmo?

Assenti.

– A maior alegria dele é me lembrar disso sempre que pode.

Até os deuses sabiam que você ia ser um pé no saco, dizia Teller com um sorriso antes de sair correndo.

Sorri com a lembrança, embora um desconforto crescente nublassem meus pensamentos. Apesar de tentar aparentar indiferença, nem mesmo Maura conseguia disfarçar o vinco profundo na testa enquanto seguia meu olhar até o céu.

– Você e Henri vão fazer algo para comemorar? – perguntou ela.

Minhas bochechas coraram. Henri era meu amigo mais antigo e querido – e, nos últimos tempos, vinha se tornando algo mais.

– Ele se recusa a celebrar o Dia da Forja. Vai contra os princípios dele – expliquei, suspirando. – Diz que é o dia mais deprimente do ano.

– É raro ver um jovem recusar a chance de se afogar em vinho de graça e saracotear pela cidade sem precisar se preocupar com as consequências.

– Acredite em mim, Maura: se o vinho fosse feito por mortais, Henri seria o primeiro a *saracotear*. Ele saracotearia pela Cidade Mortal inteira. Saracotearia nos arbustos, nos becos, ia saracotear até tirar as próprias roupas.

Ela deixou uma risadinha escapar pelo nariz.

– Ele é contra o vinho dos Descendentes?

– Ele é contra *Descendentes*.

– Bem, isso explica por que ele acha o Dia da Forja deprimente.

– Pois é.

Embora o Dia da Forja fosse nosso feriado mais espalhafatoso, a maioria dos mortais não o via com bons olhos. Nesse dia, muitos milênios atrás, nove irmãos imortais, conhecidos como Linhagem, estabeleceram um pacto mágico – a Forja – depois de buscar refúgio em nosso mundo após a destruição da própria terra.

Cada membro da Linhagem se apaixonou por um cidadão da nossa nação, Emarion. Em vez de assistir a seus amados definhando de velhice até morrer, a Linhagem concordou em abrir mão da juventude eterna e atrelar a própria vida à dos amantes mortais.

Por meio do Feitiço da Forja, Emarion foi dividida em nove reinos, cada um nomeado em homenagem a um dos membros da Linhagem e infundido com a magia do respectivo deus ou deusa patronos.

A Linhagem pretendia que o fruto de sua união – os seres que agora chamamos de Descendentes – governasse os reinos e desse início a uma era de paz e prosperidade em que ambas as raças viveriam juntas em harmonia. O Dia da Forja foi criado como um lembrete, tanto para os mortais quanto para os Descendentes, de tal objetivo nobre.

Como costuma acontecer com os sonhos esperançosos dos pais para os filhos, porém, as coisas não saíram como planejado.

– Eu me pergunto o que os Descendentes fazem para comemorar – refleti, olhando para além dos telhados.

Bem ao longe, eu conseguia distinguir o contorno tênue e cintilante das enormes torres do palácio real.

– Minha prima trabalha em uma das grandes casas de lá. Ela diz que é um espetáculo. Passam o dia lançando serpentinas e petiscando frutas nos campos de flores silvestres. À noite, dançam com vestidos e joias no Baile da Forja. As mesas do banquete se estendem até onde a vista alcança, e os músicos tocam do pôr do sol ao amanhecer.

– Faz sentido – balbuciei. – É o dia deles, afinal.

O dia em que o controle de nosso mundo foi herdado pelos Descendentes, uma das muitas bênçãos garantidas por seus ancestrais divinos. Nossos ancestrais mortais não foram tão generosos conosco.

– É uma vergonha, se quer saber minha opinião – sussurrou Maura. – A data devia celebrar a união entre os Descendentes e os mortais, mas eles fazem de tudo para nos deixar de fora.

– Que grande surpresa – falei, impassível. – Eles costumam ser tão gentis e acolhedores...

Apesar do sarcasmo, nunca conheci um Descendente. Embora tivesse crescido a uma curta caminhada da Cidade de Lumnos, a rica capital de nosso reino e lar da elite dominante, daria no mesmo se tivesse vivido num

mundo à parte. Quando criança, minha mãe me proibira de ter qualquer contato com eles: nada de consumir sua comida ou seu vinho. Nada de me aventurar pela capital. Eu nem tinha permissão para tratá-los no meu trabalho como curandeira.

Ela só não conseguia me proteger das rusgas ocasionais com os soldados brutos e sem coração da Guarda Real, que patrulhavam as ruas da Cidade Mortal. Naquele dia, porém, até eles estavam ausentes. Após nos apaziguar com as remessas matinais de vinho grátis, o rei retirara seus homens e nos deixara à própria sorte durante o feriado.

– Vou para o centro de curandeiros – disse Maura quando nos aproximamos de um cruzamento. Ela massageou a perna e examinou as ruas lotadas, as sobrancelhas franzidas de preocupação. – Você vai ficar bem voltando para casa sozinha?

– Pode ir. Não se preocupe. – Dei um tapinha nas adagas gêmeas penduradas em minha cintura. – Sei me cuidar. Além do mais, duvido que queiram se sujeitar à ira do poderoso Andrei Bellator vindo mexer com a filha dele.

O rosto de Maura se iluminou com um sorriso.

– Seu pai é um bom homem. Quando se aposentou, o Exército de Emarrion sofreu uma grande perda.

– Ele me diz isso todo dia – respondi e dei uma piscadela.

Ela riu e se virou, dando um aceno breve.

– Abençoada seja a Forja, Diem!

Retribuí o cumprimento e dei meia-volta em direção à porção sul mais perigosa da cidade. Sem a distração da presença de Maura, me dei conta da tensão que dominara a atmosfera.

Apesar do calor abafado, fechei mais a capa em torno dos ombros. Era um mecanismo de defesa, assim como a carranca hostil que torcia meus lábios.

Eu ansiava por voltar à segurança do meu lar. Beberrões agressivos vagando pelas ruas não eram uma novidade, mas naquele dia... estava diferente. A Cidade Mortal parecia um barril de pólvora a uma mera faísca de explodir.

O vinho dos Descendentes que a Guarda Real trouxera tinha porções de magia, a fim de manter por horas o ânimo de quem bebia, fazendo a pessoa

experimentar onda após onda de prazer. O impacto era ainda mais potente em mortais. Para o azar da paz e tranquilidade das mulheres da Cidade Mortal, alguns daqueles homens não ficariam sóbrios nos próximos dias.

Havia muitos deles – muitos. O suficiente para que eu precisasse me esgueirar entre as multidões que confraternizavam a cada esquina, o burburinho variando de flertes e comentários lascivos a brados violentos.

Embora eu os ignorasse, minhas mãos estavam casualmente postas sobre o punho das adagas, subindo e descendo a cada balanço dos meus quadris. Um aviso silencioso.

Por trás de janelas fechadas e cortinas cerradas, vislumbrei olhares nervosos de mulheres que, sábias, haviam escolhido passar o dia trancadas em casa.

– Ora, se não é uma coisinha bonita... – gracejou uma voz por cima do meu ombro.

Dois homens vieram cambaleando em minha direção, chegando perto o bastante para que eu sentisse o fedor pungente de álcool em seu hálito. Um líquido âmbar espirrou das canecas que eles seguravam.

Praguejei baixinho. Estava perdida demais em meus pensamentos para notar a aproximação. Meu pai ficaria desapontado – ele me treinara para nunca baixar a guarda, ainda mais em becos infestados de criminosos.

Quem dá o golpe mortal nunca é o inimigo que ataca diretamente, ele me ensinara, mas aquele que se esconde nas sombras e espera. Aquele que ataca quando você enfim desvia o olhar. Esse é o verdadeiro predador a temer.

Eu tinha quase certeza de que aqueles canalhas eram mais um incômodo do que predadores, mas fechei as mãos por cima das adagas do mesmo jeito.

– Acho que encontramos uma esquentadinha – falou o mais alto, indicando minhas lâminas com o queixo.

– Eu gosto quando elas reagem – provocou o mais baixo.

Ele tomou um gole de vinho e passou a língua pelos dentes imundos. Quase coloquei meu almoço para fora.

O mais alto sacou uma faca de combate e girou a arma para encaixá-la na mão.

– Você tem adagas bem pesadas aí. Pesadas demais para uma mocinha feito você. Acho que devia entregar as duas para nós.

– Junto com qualquer moeda que tiver aí – acrescentou o mais baixo.

Ele se separou do companheiro e deu a volta ao meu redor, para me cercar por trás.

Dei um passo de lado, a fim de interromper seu caminho, ainda que o movimento tivesse me deixado de costas para um beco escuro que me dava nos nervos.

– Vocês não têm coisa melhor para fazer do que assediar mulheres voltando para casa?

– Assediar? – O mais baixo colocou a mão no peito, fingindo estar magoado. – Estamos apenas celebrando este lindo Dia da Forja.

Arqueei uma sobrancelha.

– Duvido que a Abençoada Mãe Lumnos fosse aprovar esse tipo de celebração.

A expressão do homem azedou.

– Então a “Abençoada Mãe Lumnos” pode congelar nas geleiras do inferno com o resto da laia dela.

Os pelos em minha nuca se arrepiaram. Blasfêmias contra a Linhagem eram passíveis de pena de morte, e os Descendentes pagavam bem por mortais dispostos a denunciar hereges. Se aquele homem insultava de modo tão descarado a deusa Lumnos na minha frente, era porque não tinha intenção de me deixar sair viva dali.

Eu precisava escapar.

Dei mais alguns passos para trás e ousei espiar depressa por cima do ombro. Tarde demais, percebi que a rua em que eu tinha me metido terminava em um grande muro de tijolos.

O mais alto franziu a testa e se inclinou na minha direção.

– O que tem de errado com seus olhos, garota?

Semicerrei os olhos numa tentativa vã de escondê-los, mas o estrago já estava feito.

– Pelas bolas de Fortos, ela é *um deles*.

– Você é Descendente? – sibilou o mais baixo.

Ele se atrapalhou tentando puxar a faca, depois ficou imóvel, pensando melhor.

Revirei os olhos.

– Se eu fosse, acham que viveria nesta merda de lugar?

O mais alto deu mais um passo na minha direção.

– Então por que não são castanhos?

Mortais só podiam ter olhos castanhos, outra consequência do Feitiço da Forja. Como era de se esperar, os Descendentes haviam reservado os tons mais interessantes do arco-íris para si mesmos, assim como fizeram com tantas outras coisas bonitas em Emarion.

Os Descendentes de cada reino tinham a própria cor de olhos, sendo que os de Lumnos ostentavam vários tons de azul – mas eu não conseguia imaginar ninguém confundindo um deles com um mortal, não importasse a cor dos olhos, pois a força e a beleza impecável não tinham comparação.

Aquela tinha sido minha bênção salvadora. No início da puberdade, quando os olhos castanhos e o cabelo acobreado com que nasci empalideceram inesperadamente, foi meu rosto comum, meu corpo desengonçado e minha mediocridade que acabaram por convencer a todos de que eu não era uma criança Descendente disfarçada.

– Meus olhos perderam a cor por causa de uma doença que tive na infância – respondi depressa. – Agora, se me derem licença...

Tentei avançar na direção dos homens, mas eles permaneceram plantados em meu caminho.

– Se você não é uma Descendente, então prove. – O mais baixo desembainhou a faca e a estendeu, com a ponta da lâmina apontada para mim. – Mostre que pode sangrar.

Para minha irritação, aquele era um desafio inteligente. Descendentes adultos tinham a pele forte como aço, imune às armas mortais. Se eu fosse um deles, a lâmina não me faria mal.

Ele se aproximou e brandiu a ponta afiada no ar. O metal chegou perto o suficiente para que eu pudesse ver sangue seco incrustado na lâmina.

– Vamos lá, menina. Apenas estenda a mão. – Ele sorriu. – Não vou machucar muito.

Meus dedos tremeram com a ânsia de sacar as adagas. Eu poderia recorrer ao treinamento de meu pai e usá-las para retalhar as mãos, as bochechas e a virilha daqueles homens. Seria uma fuga fácil, sem que ninguém acabasse morto.

No entanto, se eu fizesse aquilo, eles iriam parar no centro de curandeiros. No *meu* centro de curandeiros.

Meu estômago revirou diante da ideia de submeter nossos jovens aprendizes àquela dupla de brutos. Passei muitos dos meus Dias da Forja desviando de punhos errantes e mãos bobas quando estava em treinamento.

Um tipo frio de dormência se insinuava pelos meus pensamentos. Eu poderia cortá-los um pouco mais fundo, mirar na veia certa. Poderia garantir que eles nunca mais saíssem cambaleando daquele beco escuro ou de qualquer outro. Nunca mais. Talvez isso tornasse o mundo melhor.

Eu nunca havia tirado uma vida. Como curandeira, tinha jurado ajudar, não causar mal. E eu não desejava ser igual aos Descendentes cruéis, que brincavam de deuses, distribuíam a morte como um baralho de cartas.

Mas se minha vida estivesse em jogo...

Sobreviva, ecoou a voz de meu pai em meus ouvidos. *A qualquer custo, de qualquer jeito. Sobreviva primeiro e pense nas consequências depois.*

Aconteceu quase rápido demais para registrar. Em um momento, o homem se lançava em minha direção, uma rajada de ar frio roçando minhas costelas enquanto a ponta da adaga acertava minha túnica, fazendo um buraco no tecido. No instante seguinte, meus membros voavam em uma coreografia de guerra que meu corpo poderia executar até dormindo.

Era fácil demais desviar dos ataques desengonçados, afetados pela bebida, e distribuir um golpe após o outro. Uma joelhada na virilha. A parte inferior da palma da mão na garganta. Um punhado de terra atirado nos olhos. Cada ataque visando a incapacitá-los *apenas o suficiente*.

O mais alto gritou e caiu de joelhos. Lágrimas escorriam por suas bochechas enquanto ele tentava tirar a terra da cara.

Ao lado dele, o amigo estava deitado de costas, apertando a garganta e ofegando para conseguir respirar.

– Você está morta! *Morta!*

– Você disse que iria gostar se eu reagisse.

Apoiei o pé nos corpos contorcidos e peguei as lâminas caídas e as espadas largas penduradas na cintura deles. Eu não tinha coragem de matá-los, mas podia ao menos impedi-los de descarregar a raiva na próxima mulher que encontrassem.

Chutei outra nuvem de terra em seus olhos, provocando uma nova rodada de gemidos.

– Lembrem-se disso da próxima vez que pensarem em atacar uma mulher.

– Você vai pagar por isso!

– Quando eu te encontrar...

– Abençoada seja a Forja! – cumprimentei de forma doce.

Uma longa sequência de xingamentos grosseiros me seguiu conforme eu saía correndo do beco e voltava para a rua principal.

A comoção tinha começado a atrair olhares em minha direção. Pescoços se esticavam, a fim de ver quem eu era e o que estava fazendo. Um grupo de quatro homens armados se aproximou.

– Você, mulher! – gritou um deles. – O que está acontecendo?

Que maravilha. Pior do que dois homens furiosos me fazendo perguntas com facas eram *seis* homens furiosos me fazendo perguntas com facas.

Perto dali, avistei uma passagem que levava a um conjunto de becos muito familiares, então me esgueirei para lá, puxando o capuz por cima da cabeça.

– Ei, você! – chamou o homem de novo. Ele acelerou o passo. – Pare aí mesmo.

– Aquela vagabunda me atacou e roubou minhas armas!

Eu me encolhi. *Que merda.*

O mais alto havia cambaleado para fora do beco, o dedo apontado em minha direção. Uma fúria incandescente brilhava em seus olhos.

– Peguem ela!

Saí correndo para o beco, uma adrenalina ardente queimando nas veias.

Eu conhecia bem aqueles caminhos. Não era a região mais pobre da Cidade Mortal, porém era a mais decadente, o tipo de lugar onde alguém poderia se entregar a qualquer tipo de pecado. Era chamada de Cantinho do Paraíso – de forma irônica ou não, a depender do que a pessoa estivesse procurando.

Como curandeira, sempre fui atraída pelos pacientes mais vulneráveis: uma acompanhante espancada pelo cliente até sangrar, um viciado desesperado tendo uma overdose de drogas batizadas com magia, um batedor de carteira faminto que perdera a mão após roubar a vítima errada. Minha disposição para atender qualquer chamado, fosse ele perigoso ou desagra-

dável, me tornara uma visitante frequente dos labirintos sombrios do Cantinho do Paraíso.

Gritos ecoavam às minhas costas, distantes mas se aproximando. Eu estava muito lenta, atrapalhada pelo peso das lâminas roubadas. Mergulhei aleatoriamente pelas vielas laterais – esquerda, depois direita, depois esquerda de novo – e avistei uma mulher encostada no batente de uma porta aberta, a saia amarrada para cima e o decote profundo.

– Armas grátis – falei, ofegando enquanto corria até ela. – Você quer?

A mulher me fitou com desconfiança.

– Nada é de graça por aqui.

As vozes ficaram mais altas.

– Tudo bem. – Com o queixo, indiquei os homens por cima do ombro.

– O pagamento é não contar para eles que me viu aqui.

Com um rápido dar de ombros, ela pegou as armas dos meus braços e as atirou em um baú de madeira do lado de dentro da porta.

– Também não mostre as lâminas para eles – alertei. – Pelo visto, homens bêbados não gostam de ser desarmados por uma mulher.

Ela sorriu, parecendo saber muito bem que aquilo era verdade, depois indicou um beco à esquerda.

– Vai por ali.

Abri um sorriso agradecido e corri na direção apontada. Atrás de mim, uma voz feminina gritou:

– *Aquela pirralha pegou minhas facas também! Ela foi para a direita! Peguem a garota e tragam de volta, e prometo que vou recompensar vocês direitinho, rapazes.*

As pessoas podem dizer o que quiserem das mulheres do Cantinho do Paraíso, mas não há como negar que elas são leais.

A escuridão se fechou ao meu redor enquanto eu me embrenhava nos becos, a luz do sol em tons de escarlate desaparecendo por trás do dossel de toldos esfarrapados. Eu conseguia sentir o peso de olhos curiosos espiando pelas portas sombrias – me observando, me avaliando. Algumas das construções dilapidadas trouxeram memórias de visitas anteriores, mas não ousei demonstrar sinais de reconhecimento.

Mais vozes ecoaram pelo caminho. Espremi o corpo contra a parede para fugir dos poucos raios de luz. Quando criança, eu costumava imaginar

que as sombras eram algo tangível, um grande cobertor que eu poderia enrolar em torno do corpo para me esconder do mundo. E, naquele momento, me vi fazendo o mesmo, implorando em silêncio para minha velha amiga, a escuridão, me manter sob seu véu.

Um lampejo de vermelho chamou minha atenção. Um vermelho que eu conhecia – brilhante, acobreado, fluindo como seda derramada. E, como sempre, com um coque na altura da nuca.

Eu seria capaz de reconhecer o cabelo de minha mãe até em uma multidão, mas, naquele beco, era difícil não reparar em um toque tão vibrante de cor em meio ao mar de tons em marrom e cinza.

Ela estava de costas para mim, com o rosto oculto, uma capa familiar pendurada nos ombros esguios. Os rasgos e as manchas no tecido eram como o livro que contava a história da minha infância – pequenas queimaduras da lareira, uma mancha de quando um Teller jovem a tocara com as mãos sujas de fruta, um talho remendado de quando um cavalo assustado a empurrara para os braços protetores de papai.

Congelei no lugar, um grito de surpresa preso em minha garganta.

Encontrá-la ali não era um choque tão grande, já que mamãe também tratava de pacientes no Cantinho do Paraíso. Foi o homem parado diante dela que me deixou imóvel.

Ele era tudo que ela não era. Enquanto minha mãe era pequena e despretensiosa, sempre vestida com tecidos simples, aquele homem era um semideus em toda a sua pompa.

Mesmo à distância, era óbvio que suas roupas eram feitas dos melhores materiais. O brocado preto do sobretudo longo, com as abas cheias de bordados intrincados e cordões em ouro, brilhava mesmo à luz difusa. A silhueta elegante da veste se ajustava perfeitamente a cada curva dos músculos – algo que ele tinha em abundância. As botas polidas cintilavam como espelhos, de alguma forma imunes à sujeira da Cidade Mortal que se impregnava em todas as minhas coisas.

O homem tinha pelo menos 30 centímetros a mais que minha mãe, uma característica que ele empunhava contra ela como se fosse uma arma desembainhada e pronta para o ataque. Ele parecia alguns anos mais velho do que eu, e seu rosto era bonito de um jeito impressionante, ainda que anguloso e severo, tornado ainda mais belo pelo cabelo preto feito penas

de corvo, penteado rigidamente para trás, e pela cicatriz que cortava sua pele cor de oliva. A linha pálida era irregular como um raio, e subia pelo colarinho até os olhos estreitos, cruzando os lábios carnudos.

Olhos frios e sem emoção. Olhos azul-acinzentados.

Olhos de Descendente.

Por que minha mãe estava ali com ele? Ela tratava pacientes Descendentes, mas nunca na Cidade Mortal. Além disso, com exceção da Guarda Real, a classe deles não se deixava flagrar por aquelas bandas – a menos que estivessem atrás de confusão. Ele a teria perseguido? Será que mamãe vira algo que não devia?

Ela estava em apuros?

O treinamento de papai entrou em ação mais uma vez. Examinei o desconhecido em busca de potenciais ameaças. Suas feições estavam tensas – solenes, mas não raivosas – e os braços grandes e musculosos, cruzados sobre o peito impossivelmente largo. Nenhum guarda ou companheiro à vista. Sua única arma era uma espada amarrada de forma pouco prática às costas, cujo cabo incrustado de joias despontava por cima do ombro. Apenas um Descendente usaria algo tão extravagante, algo mais adequado como adorno do que como uma lâmina destinada a abrir caminho por músculos e ossos.

A tensão em meu peito diminuiu. Talvez ele não fosse uma ameaça – exceto pela magia. Com os Descendentes, era difícil dizer. Alguns mal conseguiam invocar uma faísca. Outros eram capazes de mergulhar o reino inteiro em escuridão.

Os dois discutiam. Eu não conseguia escutar o que diziam, mas conhecia bem a linguagem corporal de minha mãe. Já tinha sido alvo daquele dedo apontado muitas vezes. Nós compartilhávamos algo que os homens de nossa família não tinham: um temperamento explosivo capaz de se inflamar quando alguém nos provocava.

Eu me aproximei o máximo possível na ponta dos pés, me abaixando por trás de uma pilha de caixotes vazios de madeira. Conforme a discussão dos dois ficava mais intensa, as vozes aumentavam, ecoando pelo beco.

– Isso está fora de cogitação – sibilou a voz do homem, baixa e profunda.

Algo dentro de mim se agitou diante daquele som, como um dragão bocejante emergindo do sono.

– Não foi um pedido – replicou minha mãe.

– *Você* não me dá ordens, Auralie.

– Devo lembrar você de que basta uma palavra minha e todo o reino saberá que...

– Não – interrompeu ele. – Já paguei sua extorsão dez vezes.

– E vai continuar pagando até que não haja mais vidas em risco.

Extorsão? Que trunfo minha mãe poderia ter contra um Descendente que o fizesse se curvar à vontade dela? Ela os tratava havia anos, mas a confidencialidade entre curandeiro e paciente era sacrossanta, e mamãe era um modelo a ser seguido por todos os curandeiros de Lumnos. Com certeza ela jamais iria...

Eu me aproximei o máximo que tive coragem, semicerrando os olhos para enxergar pelas frestas dos caixotes. O homem descruzou os braços e inclinou o rosto para ela.

– Me dê um bom motivo para eu não matar você aqui e agora e acabar com tudo isso.

Meu coração afundou no estômago, mas minha mãe não se abalou. Ela empinou o queixo, desafiadora.

– Se eu morrer, todos vão descobrir seu segredo. Eu me certifiquei disso.

O rosto do homem permaneceu uma máscara de compostura, mas as íris pálidas – azul-ardósia, com um toque de aço – faiscavam com uma fúria gélida. Estremeci, agarrando minha adaga por reflexo.

Mamãe falou de novo, a voz mais gentil:

– E você sabe tão bem quanto eu que as coisas estão piorando. E sabe que me ajudar pode ser o único jeito de impedir que continuem a piorar.

Eles ficaram em silêncio por um bom tempo. O canto do lábio dele, marcado pela cicatriz, se contraiu em uma carranca.

– Se eu fizer isso, precisa ser hoje à noite. Não haverá outra chance antes de...

Ele espiou ao redor, então baixou a voz para um sussurro.

Estiquei o pescoço, me esforçando para captar as palavras abafadas. Se ao menos eu pudesse chegar um pouco mais perto...

– Escutar os outros escondida vai acabar te matando, criança.

Tive um sobressalto. Eu me virei e me deparei com o rosto enrugado e sorridente de uma idosa. Ela se recostou casualmente na soleira de uma

porta próxima, os olhos tão escuros que pareciam pretos, os ombros curvados pela idade. Estava envolta em trapos coloridos, tiras puídas em tom de esmeralda e bordô que balançavam conforme ela apontava para além do meu ombro.

– Se vai ficar ouvindo, pelo menos tenha certeza de que ninguém está te vigiando pelo outro lado.

A voz dela subia e descia em um tom descontraído, um sotaque suave que eu não conseguia identificar.

Minha boca começou a se mover antes mesmo que a mente raciocinasse:

– Eu não estava... Quer dizer, eu não quis...

– Não tem por que mentir para mim. – As rugas ao redor dos olhos da velha se aprofundaram quando ela me deu uma piscadela. – Se as razões para você estar espionando são relevantes, então já sei quais são.

– Pensei que as pessoas não fizessem perguntas no Cantinho do Paraíso. A idosa deu de ombros.

– Não há nada errado em perguntar. São as respostas que trazem problemas.

Sua risada seca e aguda reverberou nas paredes, preenchendo cada recôndito escuro. Eu me encolhi, sabendo que o som chegaria até minha mãe e o estranho misterioso. Bastou um olhar furtivo para confirmar – eles tinham sumido.

– E lá se vão minhas respostas – murmurei.

Um brilho cintilou nas profundezas escuras dos olhos da velha.

– Essas não são as respostas que você precisa. Bem, não ainda. Mas tenho outras respostas para você. Respostas que não encontrará em nenhum mortal ou Descendente.

– Por um preço, é claro.

Eu me esforcei para não revirar os olhos. Já tinha visto vigaristas como ela no mercado, que prometiam grandes fortunas no futuro caso recebessem pequenas fortunas na hora. E também os tinha ouvido rindo das presas ingênuas enquanto tomavam cerveja na taverna à noite.

– Me deixe adivinhar... Já conheci meu verdadeiro amor, vou ter um quintal cheio de filhos e levar uma vida longa e feliz antes de morrer.

– Não, menina. Temo que não haja nada disso para você.

Havia uma tristeza no tom dela, uma empatia perpassando suas feições, que plantou uma semente de desconforto em mim.

Eu me repreendi em silêncio. *Não seja tola. É um truque, e você está caindo direitinho.*

– Vou levar isso em consideração. – Abri um sorriso tenso enquanto me virava para ir embora. – Abençoada seja a Forja.

– Esses olhos... foram um presente do seu pai, certo? Do seu pai *de verdade.*

Congelei.

– E essa não foi a única coisa que ele te deu, não é?

Virei a cabeça para ela.

– Do que você está falando?

– Sua mãe achou que poderia esconder isso do mundo. Que poderia esconder isso *de você* com aquele pozinho dela. Mas segredos não podem ficar guardados para sempre. – Ela voltou os olhos para o céu, captando os raios de sol sangrento que irradiavam ao redor. – E parece que a Linhagem está cansada de esperar.

Um alarme soou em minha cabeça. Não havia como aquela mulher saber sobre o pó e sobre o motivo pelo qual eu o tomava. Ninguém de fora da família sabia... e ninguém de dentro da família ousaria compartilhar a informação. A menos que...

A menos que essa mulher conhecesse o homem que me gerou.

Mas aquilo também era impossível. Mamãe tinha dito que ele havia morrido antes do meu nascimento, antes até de saber que ela estava grávida. Nem mesmo o homem que eu passara a chamar de pai conhecia a identidade dele.

Quando criança, eu implorara por respostas, me sentindo triste e insignificante, fantasiando ser a herdeira perdida de algum reino distante. No entanto, quando minha mãe decidia guardar um segredo, sua determinação era como uma parede de aço fortosiano.

Como se lesse meus pensamentos, a velha me lançou um olhar de divertimento.

– Ele sabe sobre você, o seu pai. Está esperando.

– O homem que me gerou não é meu pai – corriji, falando entre os dentes. – E ele está morto.

– Deveria estar. Mas é um sobrevivente. – Ela riu. – Outro traço que você herdou, suponho.

A adaga deslizou da bainha com um chiado suave. Apontei a arma para ela e desejei que minha mão não tremesse conforme eu reduzia a distância entre nós duas.

– Quem é você?

Ela fez um muxoxo.

– É tão fácil ler você nesse estado lamentável. Tão fácil te controlar também. Eu poderia te tomar agora... Te fazer minha. – Os cantos dos lábios pálidos da mulher se curvaram para cima, a cabeça se inclinando de leve.

– Gostaria de ser uma das minhas, criança? Poderíamos fazer coisas terríveis juntas, você e eu. Talvez até valesse a pena arriscar a ira da Linhagem Abençoada. – Ela ergueu o dedo nodoso para acariciar minha bochecha. – Ah, Diem Bellator, as coisas que eu poderia fazer com você...

Tentei protestar, dar um tapa na mão dela e recuar de seu toque gélido. Mas apenas a encarei, horrorizada, com os olhos arregalados.

Meu corpo não me pertencia mais, eu não conseguia mais controlá-lo.

Não tão corajosa agora, não é?

A voz dela ecoou em minha cabeça – só que parecia diferente naquele momento, mais refinada. Suave feito platina derretida, irradiando poder.

Dentro da mente, rugi contra seu aperto, me contorcendo e arranhando, mas a luta foi em vão. Eu estava completamente à mercê daquela mulher, enjaulada em minha própria cabeça pelos comandos sombrios dela.

Ela deslizou uma unha pontiaguda por meu maxilar e pela lateral do meu pescoço, seguindo então o desenho da clavícula.

Tentador, muito tentador, ronronou.

Ao toque, minhas costas se arquearam de modo involuntário. Até minha respiração permaneceu subjugada à velha, cada inspiração se demorando, aguardando um consentimento silencioso.

Ela fitou outra vez a nesga visível de céu carmesim antes de dar um grande suspiro, revirar os olhos e me encarar.

Quando nos encontrarmos de novo, lembre-se deste momento, menina. De como eu poderia ter feito você cair de joelhos. De como eu poderia ter feito você implorar.

Ela girou o punho ossudo e os dedos frios de seu controle soltaram

minhas veias, se desembaraçando dos meus ossos. Meu corpo trêmulo enfim retornou ao meu comando.

Pulei para trás e agarrei minha garganta.

– Quem é você? Como fez isso?

– Ouça-me, e ouça com atenção, Filha do Esquecido. – Ela se inclinou para a frente e me cutucou no ombro. – Pare de fugir de quem você é. Pare de se esconder.

– Não estou me escondendo de nada...

– E pare de tomar aquela porcaria de pó de raiz-de-fogo.

Mais uma vez, congelei. Ela não devia saber disso. *Não podia* saber. Ela...

Balancei a cabeça para afastar os pensamentos. Não importava. Estava dolorosamente claro que minha mãe havia escondido mais coisas de mim do que jamais sonhei. Eu precisava sair dali e encontrá-la – acabar com os segredos de uma vez por todas.

Enquanto cambaleava para trás e me virava para correr, a voz provocadora e cantarolante da mulher me perseguiu pelo beco.

– *Quando sangue esquecido sobre coração de pedra cair, então a corrente será quebrada* – entoava ela. – *Vida por vida, exige a antiga dívida, ou eterna será a tirania praticada.*

Não ousei olhar para trás enquanto fugia daquela presença enervante.

– Abençoada seja a Forja, Diem Bellator! – gritou a velha. – Vamos torcer para que esta não tenha sido sua última.



Horas se passaram, mas minha mãe não voltou para casa.

Não contei nada sobre o ocorrido naquele dia para meu pai ou meu irmão. Pensava apenas em minha mãe, as perguntas que eu desejava fazer se multiplicando a cada batida do coração. Fiquei sentada na varanda da frente e esperei para ver o rosto dela emergir da trilha da floresta, aguardando para atacá-la com minha curiosidade voraz.

Mas ela não voltou para casa.

Nosso jantar perto da lareira foi menos ruidoso que o normal. Forçamos sorrisos enquanto debatíamos que coisinha boba poderia tê-la detido, virando a cabeça na direção da porta a cada barulho.

Quando a noite caiu, vagamos pela floresta ao redor da casa, chamando seu nome. Meu irmão vasculhou o trajeto até o centro de curandeiros, indo e voltando várias vezes, enquanto meu pai procurava nas regiões mais inóspitas da floresta. Já eu percorri a costa, parando nas áreas onde costumávamos colher flores para as pomadas medicinais.

Meu olhar se fixou no brilho de uma lanterna distante, pendurada em um barco. A luz foi crescendo conforme se aproximava, conforme o barco retornava à costa de Lumnos. Era algo estranho, considerando que a travessia pelo Mar Sagrado era proibida no Dia da Forja. Mas, como a Guarda Real estava se empanturrando no palácio, todo tipo de sujeito desagradável poderia se aproveitar da frouxidão na aplicação das leis.

O pensamento ficou comigo, pesando no estômago, enquanto eu retornava para uma casa vazia. Depois de um tempo, meu pai e meu irmão também voltaram. Ao serem recebidos apenas por mim, a tristeza desabou sobre eles.

Ela não voltou para casa.

No dia seguinte, fomos atrás de todos os amigos e vizinhos, esperando que algum deles a tivesse acolhido para passar a noite. Revisitamos os pacientes que ela havia tratado, e nenhum deles notara nada de estranho. Reviramos os pertences dela, procurando, em vão, por pistas que indicassem que minha mãe planejara uma viagem para longe. Vasculhamos as ruas da Cidade Mortal e seguramos a mão um do outro enquanto buscávamos qualquer vestígio dela – viva ou morta.

Mais dias se passaram sem respostas.

Depois semanas.

Depois meses.

E ela não voltou para casa.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

